

PALAVRAS PROFERIDAS NO ENCERRAMENTO DO
COLÓQUIO COMEMORATIVO DOS TRINTA ANOS DO
INSTITUTO DE DIREITO COMPARADO LUSO-BRASILEIRO

(Coimbra, 15 de março de 2012)

1. - Chegados ao fim deste painel, cabe-me dizer breves palavras finais antes de encerrar este Colóquio comemorativo dos trinta anos do Instituto de Direito Comparado Luso-Brasileiro.

Quando recebi o Programa, perguntei a mim mesmo qual a razão de me terem escolhido para presidir a este painel sobre *A Codificação do Direito Comercial*, matéria de que não sei nada. E logo concluí que a Comissão Organizadora deve ter pensado que, como é da praxe, chegaríamos a esta altura com algum atraso. Se a pessoa que preside aos trabalhos não tiver competência para se pronunciar sobre a matéria em análise, poupam-se os quinze minutos que o Regulamento atribui ao Presidente da Mesa. Os Colegas acertaram em cheio e eu vou passar às palavras de encerramento.

Retomo as palavras iniciais, para saudar todos os presentes com *fraternura*, palavra belíssima que peço muitas emprestada a João Guimarães Rosa.

Saúdo os Colegas brasileiros, mas pessoas de Francisco Amaral e de Luís Edson Fachin, dois Amigos do coração, dois Amigos da nossa Faculdade e do nosso País.

De Francisco Amaral tive a honra de ser padrinho por ocasião do seu Doutorado *Honoris Causa* na Universidade de Coimbra. Luís Edson Fachin foi um dos Colegas que apadrinharam o meu Doutorado *Honoris Causa* na Universidade Federal do Paraná.

Saúdo a Diretora da minha Faculdade, Doutora Anabela Miranda Rodrigues, e, nela, saúdo, com amizade, todos os Colegas portugueses.

Saúdo todos os estudantes presentes, portugueses e brasileiros, felicitando-os pelo seu interesse em aprender e agradecendo-lhes por trazerem a sua juventude a este Colóquio de gente madura.

2. - Quando dava aulas nesta Casa, marcava as minhas aulas para as 9.30 horas, mas chegava sempre à Faculdade por volta das 8 horas, para rever mais uma vez as minhas notas, arrumar as ideias e concentrar-me.

Fiz o mesmo desta vez. Não porque viesse dar uma aula, mas porque vinha prestar provas perante vós no exercício das funções que os Colegas da Comissão Organizadora do Colóquio me cometeram.

Quando comecei a ordenar os pontos a abordar nesta fala de encerramento, apareceram no meu gabinete uns poetas conhecidos a oferecer a sua poesia para me ajudar a adoçar a rudeza da minha prosa. E eu logo aceitei a oferta, aliviando um pouco o nervosismo resultante do medo de não estar à altura das circunstâncias.

Mas eles logo deram uma volta e foram à sua vida, que é uma vida muito ocupada a vida dos poetas. Nem sequer me ditaram os versos que me ofereceram. Por isso os cito de memória, confiando em que respeitarei a beleza das suas imagens e não trairei as suas mensagens.

Vou ler o que saiu, para ser rápido.

Chegou ao fim este Colóquio em que foram abordados muitos problemas do nosso tempo.

Um tempo de *apagada e vil tristeza*, como já dizia o nosso Camões.

Um tempo em que, creio eu, temos de assumir, como o fez Sophia de Mello Breyner em tempos ainda mais difíceis:

“vemos, ouvimos e lemos, não podemos ignorar”.

Um tempo em que temos de creditar que “o sonho comanda a vida” (António Gedeão) e que cale a pena *sonhar*, “sonhar grandemente”, como aconselha Fernando Pessoa/Bernardo Soares, porque – diz ele – “só o que sonhamos é o que verdadeiramente somos”.

3. – Este foi um Colóquio internacional em que todos falámos português, esta nossa *língua amarga e doce* (como se lhe referiu, salvo erro, Manuel Alegre). Nós, portugueses, falámos no *tom amargo*, os brasileiros no *tom doce*. Mas todos falámos português.

Um dia o poeta José Gomes Ferreira confidenciou-me:

“O mar fala português”.

E com Virgílio Ferreira aprendi que

“da nossa língua vê-se o mar”.

E o mar sempre foi, para nós, o caminho da liberdade, o caminho que nos levou a *dar novos mundos ao mundo* (para utilizar, mais uma vez, a poesia de Luís de Camões).

Quero acreditar que, nestes nossos Encontros, continuamos a nossa saga de dar novos mundos ao mundo, agora que caminhamos juntos, portugueses e brasileiros (o *Portugal português* e o *Brasil brasileiro*), confiando na razão do poeta quando nos diz que “a esperança nunca desespera” (Miguel Torga).

E, se continuarmos a caminhar juntos, eu acredito que seremos suficientemente fortes para dizer, cantando com Xico Buarque,

“apesar de você, amanhã há-de ser outro dia”.

4. – Temos um bom timoneiro, que é o Francisco Amaral. Ao longo destes trinta anos, ele tem conduzido o nosso Instituto com grande sabedoria e com grande coragem.

Todos lhe devemos muito.

Ele confirma o que sobre as gentes do outro lado do Atlântico disse Pero Vaz de Caminha na famosa *Carta sobre o Achamento do Brasil* (cito de memória):

“... A pouco e pouco misturaram-se connosco e abraçaram-nos

e folgaram (...), parecendo ser mais amigos nossos do que nós deles”.

Assim é Francisco Amaral: parece ser mais amigo nosso do que nós dele.

Parece..., porque nós fazemos questão de corresponder à sua amizade com a nossa amizade, a nossa consideração e a nossa gratidão.

Em nome desta amizade, desejamos que continue ao leme do nosso barco. Certo de que assim vai acontecer, ousou esperar que um dia havemos de chegar a Pasárgada.

Vale a pena tentar, porque, como nos garante Manuel Bandeira,

Lá tem tudo, é outra civilização,

Até Pasárgada!

António José Avelãs Nunes